



UNIVERSIDADE
ESTÁCIO DE SÃ

CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DISCIPLINAR DE GRADUAÇÃO EM LETRAS
(LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA)

CRISTIANO ALBUQUERQUE DA SILVA

ARBITRARIEDADE DO SIGNO NO LIVRO DO GÊNESIS

NOVA IGUAÇU - RJ

2008

CRISTIANO ALBUQUERQUE DA SILVA

ARBITRARIEDADE DO SIGNO NO LIVRO DO GÊNESIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estácio de Sá, referente à disciplina de Produção Avançada de Trabalho Acadêmico, como requisito para a aprovação da matéria em questão.

Orientador: Prof. Me. Ronaldo G. Oliveira.

NOVA IGUAÇU - RJ

2008

*"Para nós,
A vida de Jônatas Edwards
É uma das muitas provas de que Deus não quer
Que desprezemos as faculdades intelectuais que Ele nos concede,
Mas que as desenvolvamos,
Sob a direção do Espírito Santo,
E que as entreguemos desinteressadamente para o seu uso".*

Heróis da Fé (CPAD)

Orlando Boyer

Dedico este trabalho

*Ao Senhor Jesus Cristo,
Autor e Consumador da Fé,
O qual,
Pelo gozo que lhe estava proposto,
Suportou a cruz,
Desprezando a afronta, e assentou-se
À destra do trono de Deus.
Verdadeira Fonte de Vida
Em meu ser.
Vida Eterna!*

Agradecimentos

A Deus (Pai e Filho e Espírito Santo) pela conquista desse Título em Nível Superior que, outrora, julgávamos um sonho irrealizável dada a nossa condição social e, particularmente, financeira. A Ti, Senhor, que provas ao homem que tudo é possível ao que crê. Amém!

Ao Professor Dr. Ronaldo Gonçalves Oliveira pela paciente, dedicada e incansável orientação desde a classe até a elaboração do presente trabalho de conclusão de curso.

Aos Professores Drs. Paulo Rosa, Angelo Grisoli, Rachel Nunes, que nos acompanham desde o início da graduação em tela, por toda a colaboração e participação que tanto nos acrescentaram.

Aos Professores Mes. e Drs., respectivamente, Rosa Lucia, Cezar Said, Jorge Luiz Peixoto, Adriana Albuquerque, Lauro B. Batista, Elis Clokidakis, Emerson Inácio, Jorge Máximo, Afrânio Garcia, Mauro Leão e demais profissionais que nos ajudaram e ensinaram de todos os modos possíveis.

Aos colegas e amigos pelo carinho e incentivo demonstrado durante todo o período do curso.

Ao Apostolo Paulo de Tarso, In Memorian, o qual, segundo a Bíblia, se constituiu um exemplo em conhecimento, fé e determinação.

** suprimido.*

À toda a minha família, que é enorme, por, em regra geral, sempre torceram por meu sucesso; em particular aos meus tios.

Aos meus irmãos, Luciano Albuquerque e Washington Albuquerque Jr, por constituírem minha família, sem os quais, nada seria o mesmo.

** suprimido.*

Ao meu pai, Washington Albuquerque, In Memorian, pelas vagas lembranças.

À minha mãe, Marlene Noé, pelo amor e encorajamento sem limites.

RESUMO

Há muito que se tem perguntado qual a origem do universo e tudo que nele há. E, o mais importante, o que é o homem? Existem vários posicionamentos a respeito dessas questões. Um dos relatos mais antigos que se conhece, apresenta a possibilidade de uma criação deliberada por um ser superior, em algum momento. Entretanto, tal teoria vem sendo marginalizada ao campo da pura credence. Ainda assim, muito dos relatos constantes da Bíblia, vem sendo confirmados pela ciência moderna. O que a Bíblia dizia a 2.000 (dois mil anos) atrás é comprovado hoje. Então por que recusar os argumentos nela contidos sem uma abordagem científica, um olhar crítico, mas isento de preconceitos. Para tal, dialogamos com diversos conceitos e fizemos diversas citações para enriquecimento do material. É muito interessante o quanto se pode aprender ao investigar um tema, analisando-o com uma teoria extremamente difundida e aceita pela comunidade científica. Com base nisso, realizamos uma análise do corpus, Gênesis de 1 à 11 – Bíblia, tendo por base a teoria saussuriana de arbitrariedade do signo. Para sua apreciação, as possibilidades estão presentes nesse trabalho.

Palavras chaves: Criação, Homem e Arbitrariedade do Signo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
DESENVOLVIMENTO	11
Capítulo 1 – Justificativa	11
Capítulo 2 – Metodologia	13
Capítulo 3 – A Teoria Criacionista	14
Capítulo 4 – A Linguagem e a Arbitrariedade do Signo	17
4.1 – A Linguagem	17
4.2 – A Arbitrariedade do Signo	18
4.2.1 – A Arbitrariedade do Signo Absoluta	21
4.2.2 – A Arbitrariedade do Signo Absoluta	21
Capítulo 5 – Análise do Corpus	22
5.1 – A Criação	22
5.2 – A Linguagem	22
5.3 – A Arbitrariedade do Signo	24
5.4 – A Extinção	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
BIBLIOGRAFIA	30

INTRODUÇÃO:

“O homem é escravo das coisas que ele mesmo inventa. **O homem criou Deus e hoje não sabe mais viver sem ele** [negrito nosso].” José Saramago.

"E disse Deus: **Façamos** [negrito nosso] o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra." (Gênesis 1 : 26)

Há muito que se discute a origem do homem. Cada povo, tribo ou nação possui seus próprios mitos e crenças. Na pós-modernidade, existe, inclusive, a ausência destes como fator predominante à cientificidade, como podemos observar na citação de José Saramago, renomado escritor português, supracitada. Uma das teorias mais antigas que se tem conhecimento – a criacionista – está registrada na Bíblia, livro mais antigo que existe, e que atribui a origem da humanidade a um ato de criação; criação esta deliberada por Deus que, segundo a crença judaico-cristã, é uno quanto à essência, mas trino quanto à personalidade, como podemos observar na utilização da forma imperativa afirmativa do verbo fazer de Gênesis 1 : 26, acima em destaque.

Todavia, essa teoria vem sendo refutada e marginalizada ao campo da pura crença (religiões que dela se utilizam) e não tem despertado hoje o interesse investigativo que um dia já despertou, sendo o pivô de grandes descobertas: o investigar, querer saber, conhecer etc. O presente trabalho propõe um olhar crítico à teoria em questão, apresentando uma análise do corpus (Bíblia). O objeto de estudo será analisado, tendo por base a teoria de Saussure, no que se refere à arbitrariedade do signo. Para tal, daremos introdução ao assunto no que se refere à linguagem e seus estudos mais antigos.

O interesse pela linguagem é muito antigo, expresso por mitos, lendas, cantos, rituais ou por trabalhos eruditos que buscam conhecer essa capacidade humana. Remontam ao século IV a.C. os primeiros estudos. Inicialmente, foram razões religiosas que levaram os hindus a estudar sua língua, para que os textos sagrados reunidos no Veda não sofressem

modificações no momento de ser proferidos. Mais tarde os gramáticos hindus, entre os quais Panini (século IV a. C), dedicaram-se a descrever minuciosamente sua língua, produzindo modelos de análise que foram descobertos pelo Ocidente no final do século XVIII. (PETTER, Margarida. Introdução a Lingüística. São Paulo, 2003, pág. 12)

Desde as culturas mais remotas já se havia uma preocupação com a linguagem. Ela servia para transmitir os costumes de dado povo, de pai para filho e, assim, manter vivos os hábitos e métodos deste. O material descrito, diferentemente de outros posicionamentos, sugere uma língua-madre que a posteriori veio a se diversificar nos vários idiomas como vemos hoje. É claro que, se isso ocorreu, não se fez de um momento para o outro. Entretanto, vamos nos concentrar nas descrições do signo (arbitrariedade do signo) verificadas no corpus proposto.

A pesquisa, em regra geral, se focará nos capítulos de 1 à 11, do livro do Gênesis - que significa começos. Cumpre dizer que o material de análise é uma tradução para o português. Ele será utilizado tanto para a análise quanto para embasamento do trabalho. E pretende-se descrever os exemplos de arbitrariedades do signo com suas respectivas observações, sabendo-se que, segundo Saussure, o signo é arbitrário e que, portanto, obedece a tradição – ninguém o pode modificar de forma isolada, ao seu bel-prazer.

Na lingüística saussuriana, diz-se que a relação que une o significado ao significante é marcada pela arbitrariedade (CLG, pág. 83). De forma geral, pode-se dizer que o signo lingüístico é arbitrário porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua (CLG, pág. 88).

Num primeiro momento, vamos expor a teoria criacionista, identificando-a no corpus, com um olhar segundo a tradição judaico-cristã. A partir daí, vamos observar o conceito geral de linguagem, segundo alguns estudos científicos da área e, finalmente, analisar o corpus com base na teoria saussuriana da arbitrariedade do signo. Com isso, esse trabalho visa, através da análise do objeto de estudo, observar se a teoria criacionista encontra fundamento no que se refere ao homem como criação. O que, por sua vez, afeta diretamente as questões das relações humanas e uso da linguagem como a conhecemos hoje, por assim dizer.

DESENVOLVIMENTO:

Capítulo 1 Justificativa

"E disse Deus: **Façamos** [negrito nosso] o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra." (Gênesis 1 : 26)

Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; **e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome** [negrito nosso]. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo [...]. (Gênesis 2 : 19 – 20a)

Como dissemos na introdução, a Teoria Criacionista vem sendo desprestigiada ao campo da pura crença. Se pudermos demonstrar que há uma importância maior na teoria em questão, trazendo um maior respaldo para a mesma, acreditamos que isso afetaria diretamente ao homem e a sua relação para com o outro.

Analisaremos o corpus com base na teoria saussuriana de arbitrariedade do signo, entretanto, se obtivemos êxito em nossa pesquisa, poderíamos rever conceitos (e preconceitos) em termos de raças, crenças e mesmo “status” na sociedade atual, afinal, seríamos todos, de certo modo, descendentes de ancestrais comuns – ancestrais humanos, e não em questões evolutivas.

Embora a pesquisa seja volta para a língua, seu campo teórico, os resultados dizem respeito ao homem como ser e não apenas ao campo teórico da linguagem. Se pudermos analisar o corpus com base na teoria da arbitrariedade do signo, poderemos então estabelecer um diálogo científico, mas sem perder a essência do homem – sociologia e antropologia. E, talvez, um dia, responder um das perguntas mais antigas que existe concernente a nós:

“O que é o homem? Um bípede sem penas?”

Contudo, esse tema fica para um trabalho mais oportuno. No momento, nos concentraremos em estabelecer uma ponte de comunicação com a Teoria Criacionista, analisando-a. Acreditamos que ela possa ser observada de maneira a produzir novos dados a cientificidade... Eis, pois, a questão.

Se não houvesse um Deus, seríamos todos “acidentes”, o resultado de um fato extraordinariamente aleatório no Universo. [...] a vida não teria nenhum propósito, significado ou importância. Não haveria certo e errado, bem e mal e nenhuma esperança além de seus breves anos aqui na terra. A vida teria uma existência insignificante e a morte seria o fim de tudo. (WARREN, Rick. Você não está aqui por acaso. Editora: Vida, 2005, pág. 15 e 16)

Capítulo 2

Metodologia

Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo. (Gênesis 2 : 19 – 20a)

No trecho, supracitado, reside à essência de nossa problemática. Ele nos sugere algumas informações, a saber:

- Toda a criação a partir de um ato deliberado de um Ser Superior (Deus);
- A origem da vida (de tudo que há) o qual precisou ser nomeado (arbitrariedade do signo absoluta e, só então, posteriormente a este, arbitrariedade do signo relativa);
- Uma língua (idioma) comum aos seres humanos existentes, nesse momento, apenas Adão e, logo em seguida, Eva, dois quais descenderam todos os demais seres humanos;

“E chamou Adão o nome de sua mulher Eva [que significa vida ou mãe da vida – acréscimo nosso]; porquanto era a mãe de todos os viventes”.
(Gênesis 3 . 20)

Vamos submeter o corpus a análise, sob a óptica da teoria Saussuriana da arbitrariedade do signo. Inicialmente faremos uma descrição da Teoria Criacionista, já no desenvolvimento deste trabalho.

A partir daí, faremos uma descrição da linguagem (língua), visão geral, chegando a particularização que mais nos interessa: a Teoria da Arbitrariedade do Signo de Ferdinand de Saussure.

E, finalmente, esclarecidos as respectivas teorias e objeto de estudo, daremos início à análise do corpus com base nas teorias em questão.

Capítulo 3

A Teoria Criacionista

“Dentro do termo ‘criacionismo’, um vasto espectro de hipóteses podem ser enquadradas, visando sustentar interpretação em diversos graus de literalidade de livros sagrados como [Gênesis](#) ou o [Corão](#).” (Wikipédia – site de pesquisa)

O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas; **E de um só sangue fez toda a geração dos homens** [negrito nosso]. (Atos 17 . 24 – 26a)

A teoria criacionista parte do pressuposto que um Ser Superior, Deus, criou todas as coisas, a partir de sua própria vontade deliberada. Tal teoria encontra-se fundamentada pela história, em vários povos e nações, das mais antigas às mais modernas.

“Na maioria das civilizações antigas, tanto como nas atuais, é possível encontrar relatos explicando a origem de tudo como um ato intencional criativo, muitas vezes destacando uma[s] figura[s] como o[s] originador[es] da vida”. (Wikipédia – site de pesquisa)

“Tu [Deus] me conheces por dentro e por fora, conheces cada osso do meu corpo; conheces exatamente como fui formado, parte por parte, como fui esculpido e vim a existir”. Salmo 139 . 15 (apud WARREN, Rick. Você não está aqui por acaso. Editora: Vida, 2005, pág. 12)

Existem, dessa forma, várias versões de criação do Universo, sempre a atribuindo a um deus, seja ele o Deus dos judeus, dos mulçumanos, dos hindus etc. Como já mencionamos anteriormente, vamos realizar a análise do corpus com base na teoria criacionista judaico-cristão, como demonstra o excerto abaixo:

As concepções criacionistas comumente não limitam a ação de um [deus](#) à criação do universo e da vida. O Deus judaico-cristão, interfere no destino do seu povo, enviando o [dilúvio](#), conduzindo os casais de animais para a arca de Noé, mandando as pragas ao Egito, abrindo o Mar Vermelho, parando o Sol para Josué consolidar sua batalha, curando e até ressuscitando pessoas, transformando água em vinho, e mais uma infinidade de milagres. (Wikipédia – site de pesquisa)

“Antes mesmo de o meu corpo tomar forma humana **Tu já havias planejado todos os dias da minha vida; cada um deles estava registrado no teu livro** [negrito nosso]”. Salmo 139 . 16 (apud WARREN, Rick. Você não está aqui por acaso. Editora: Vida, 2005, pág. 13)

“E de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, **determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação** [negrito nosso]”. (Atos 17 . 26)

Portanto, teremos como objeto de estudo especificamente os capítulos de 1 à 11 do livro do Gênesis (livro dos começos), segundo a tradição mencionada anteriormente. Entretanto, usamos citações diversas, e usaremos sempre que necessário, para o enriquecimento deste trabalho. Cumpre dizer que o objeto de estudo é uma tradução para o português e constitui-se nosso principal material de pesquisa.

“O título ‘Gênesis’, como aparece em nossas Bíblias, é a tradução em grego, do referido título em hebraico, e significa ‘a origem, fonte, criação, ou começo dalguma coisa’”. (Bíblia de Estudo Pentecostal - ARC, pág.: 28)

Uma particularidade quanto ao livro do Gênesis é que ele é, em sua origem, uma revelação ao seu autor, Moisés, dada pelo próprio Deus que criara todas as coisas. Além disso, Moisés deve ter colhido dados culturais orais e registros escritos antigos para registrá-los e, de certa forma, formar o livro como o conhecemos hoje.

“Uma possível indicação de Moisés ter utilizado registros históricos existentes ao escrever Gênesis, é a repetida expressão através do livro: ‘estas são as gerações de’ (hb. e’lleh toledoth), que também admite a tradução: ‘estas são as histórias por’ (ver 2.4; 5.1; 6.9 [...])”.(Bíblia de Estudo Pentecostal - ARC, pág.: 28)

Somando-se a idade dos patriarcas mencionados no livro em tela, e supondo-se que a contagem de tempo seja igual ou parecida com a que temos nos dias atuais, chegaríamos a uma datação de 6.000 (seis mil) anos, mais ou menos, incluindo-se os 2.000 (dois mil) anos transcorridos da presente era. Entretanto, o registro do livro de Gênesis só ocorreu por volta de 1445 – 1405 a.C, segundo a Bíblia de Estudo Pentecostal - ARC, pág.: 28.

“O criacionismo, da forma em que este termo é utilizado nos dias de hoje, principalmente na [imprensa](#), é um fenômeno tipicamente [americano](#); refere-se principalmente ao [protestantismo](#) norte-americano, de origem sulista”.

“Outros grupos religiosos não chegam tão longe a ponto de negar a historicidade do texto bíblico, mas propõem que, os tais "seis dias" da criação poderiam representar, talvez, 6 eras [geológicas](#), em vez de dias literais de 24h”.

“Mas os chamados fundamentalistas insistem em que esta interpretação é errada, e que o mundo realmente foi criado por volta do ano 4000 AC, como se deduz do relato bíblico, somando-se as idades dos patriarcas”. (Wikipédia – site de pesquisa)

Como já dissemos o trabalho propõem-se a estabelecer uma comunicação científica com a teoria criacionista, para tal analisaremos o corpus com base na teoria da arbitrariedade do signo. Entendemos que o trabalho pode trazer luz a questões obscuras quanto às relações humanas no que se refere à igualdade social, racial, religiosa etc. Veja o que diz as citações abaixo:

Deus não age de forma aleatória; ele planejou tudo de modo extremamente preciso. Quanto mais os físicos, os biólogos e outros cientistas aprendem sobre o universo, mais compreendemos quanto ele é adequado a nossa existência: feito sob medida com as exatas especificações que tornam a vida humana possível.

O dr. Michael Denton, experiente pesquisador da genética humana da Universidade de Otago, Nova Zelândia, concluiu: “Todas as evidências disponíveis nas ciências biológicas apóiam a teoria básica [...] de que o Universo como um todo foi especialmente criado tendo a vida e a humanidade como principal objetivo e propósito; nesse todo cada faceta da realidade tem seu significado e explicação por meio desse fato fundamental”. A Bíblia disse a mesma coisa a milhares de anos atrás: Ele é Deus; que moldou a terra e a fez, ele fundou-a; não a criou para estar vazia, mas a formou para ser habitada. (WARREN, Rick. Você não está aqui por acaso. Editora: Vida, 2005, pág. 14)

Se não houvesse um Deus, seríamos todos “acidentes”, o resultado de um fato extraordinariamente aleatório no Universo. [...] a vida não teria nenhum propósito, significado ou importância. Não haveria certo e errado, bem e mal e nenhuma esperança além de seus breves anos aqui na terra. A vida teria uma existência insignificante e a morte seria o fim de tudo. (WARREN, Rick. Você não está aqui por acaso. Editora: Vida, 2005, pág. 15 e 16)

A apresentação da teoria criacionista, embora breve, constituiu-se um importante ponto de nossa pesquisa. Pudemos ver que existem várias vertentes e definimos a tradição judaico-cristã como nosso foco. A escolha dessa tradição é simplesmente uma forma de delimitar o nosso campo de pesquisa, pois não haveria como abordarmos todas as vertentes existentes, além do que o trabalho não se propõe a esta finalidade.

Destarte, realizada a apresentação da teoria e dadas às citações que vêm embasar o presente trabalho, passemos ao 4^o capítulo onde trataremos sobre as questões relacionadas à linguagem e arbitrariedade do signo, para, em seguida, adentrarmos a análise do corpus.

Capítulo 4

A Linguagem e a Arbitrariedade do Signo

Como já dissemos anteriormente, vamos analisar o corpus com base na teoria saussuriana de arbitrariedade do signo. Nossa principal fonte à teoria é o livro *Para Compreender Saussure*, que se encontra traduzido para o português. Todavia, antes de expor a teoria, acreditamos ser essencial fazer um breve relato sobre a linguagem em si, parte da qual a teoria em tela faz parte – da ciência Lingüística, e, a priori, apresentar a teoria saussuriana.

4.1 - A Linguagem:

E ERA toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala [negrito nosso]. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o SENHOR os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel [que significa confusão – acréscimo nosso], porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra, e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra. (Gênesis 11 . 1, 7 – 9)

Porque tomaram os gileaditas aos efraimitas os vaus do Jordão; e sucedeu que, quando algum dos fugitivos de Efraim dizia: Deixai-me passar; então os gileaditas perguntavam: És tu efraimita? E dizendo ele: Não. Então lhe diziam: Dize, pois, **Chibolete**; porém ele dizia: **Sibolete** [negrito nosso]; porque não o podia pronunciar bem; então pegavam dele, e o degolavam nos vaus do Jordão; e caíram de Efraim naquele tempo quarenta e dois mil. (Juízes 12 . 6)

“E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, **porque cada um os ouvia falar na sua própria língua** [negrito nosso]. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? **Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?** [negrito nosso]” (Atos 2 . 6 – 8)

Utilizamos o termo língua/linguagem nesse trabalho de forma ampla e não no seu significado e diferenças peculiares que possuem em estudos afins. Referimo-nos ao termo como aquele instrumento pelo qual o homem se comunica de alguma forma desde o início dos tempos. A linguagem é, portanto, o instrumento que possibilita ao homem se impor como espécie predominante, bem como a razão.

Uma das grandes escolas de iniciação da savana sudanesa, o Komo, diz que a Palavra (kuma) era um atributo reservado a Deus, que por ela criava as coisas: “o que Maa Ngala (Deus) diz é”. No começo, só havia um vazio, vivendo da vida do Ser.Um que se chama a si mesmo Maa Ngala. Então ele

criou Fan, o ovo primordial, que nos seus nove compartimentos alojava nove estados fundamentais da existência. Quando esse ovo abriu, as criaturas que daí saíram eram mudas. Então para se dar um interlocutor, Maa Ngala tirou uma parcela de cada uma das criaturas, misturou-as e por um sopro de fogo que emanava dele mesmo, constituiu um ser à parte: o homem, ao qual deu uma parte de seu próprio nome, Maa (homem). Hampâté Bâ (apud PETTER, Margarida. Introdução a Lingüística. São Paulo, 2003, pág. 11)

Como podemos observar nos trechos supracitados, vimos que a linguagem constitui um importante objeto de estudo entre o homem e suas relações. É ela que propicia a transmissão de informações, troca de experiências e conhecimentos. Os excertos sugerem ainda que ela acompanha o homem desde a sua criação e que, inclusive, foi utilizada como ferramenta primordial na própria criação.

NO princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. **E disse Deus: Haja luz; e houve luz** [negrito nosso]. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. (Gênesis 1 . 1 – 5)

Se tal fato puder ser sustentado, propõe que a linguagem é anterior ao próprio homem e não um instrumento desenvolvido por este, como comumente se especula. E, ainda assim, talvez, nunca poderemos saber em que essência ela preexistia, tendo em vista que a mesma só faz sentido vista de um determinado contexto. Logo, é notório que o contexto dos homens certamente não pode ser o mesmo contexto de Deus. Afinal, estamos falando de um Ser Superior; homem (criatura) versus Deus (criador).

“Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?” (I Coríntios 1 . 19 e 20)

4.2 - A Arbitrariedade do Signo:

Para Fernand de Saussure o signo é constituído pela união do sentido e da imagem acústica. Assim, o significado corresponde ao conceito, a idéia, enquanto que o significante a imagem acústica.

Observe o diálogo abaixo, extraído da Tragédia Romeu e Julieta de 1562:

- Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. **Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título** [negrito nosso]. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira. (Julieta, Ato II, Cena II)

- Sim, aceito tua palavra. **Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado** [negrito nosso]. De agora em diante não serei Romeu. (Romeu, Ato II, Cena II)

Na citação acima temos um exemplo da teoria da arbitrariedade do signo que Saussure viria a elaborar e que seria, mais tarde, difundida por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Secheha, e com a colaboração de outro de seus discípulos, Albert Riedlinger, já no início do século XX. Entretanto a arbitrariedade do signo:

não deve dar a idéia de que o significante depende da livre escolha do que fala, (porque) não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. CLG, pág.: 83 (apud CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Editora: Presença, 1991, pág. 36)

Shakespeare, brilhantemente como tudo que fez, nos dá um ótimo “modelo” do que Saussure viria a estudar e classificar, também de forma única. Ao nos dizer, em 1562: rosa, a qualquer outro nome o perfume seria o mesmo, o autor nos declara implicitamente o que Fernand de Saussure viria a classificar de arbitrariedade do signo, pois não há nenhuma “lei” que estabeleça a relação significante/significado, senão a da tradição.

"Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário". CLG, pág.: 88 (apud CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Editora: Presença, 1991, pág. 39)

Lembrando que, segundo Saussure:

“conceito é sinônimo de significado, algo como a parte espiritual da palavra, sua contraparte inteligível em oposição ao significante, que é a sua parte sensível (não é som material [...] mas a impressão psíquica)”. CLG, pág.: 80 (apud CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Editora: Presença, 1991, pág. 33)

Um exemplo que nos sobreveio durante a pesquisa, quanto à arbitrariedade do signo, é a habitual consulta ao dicionário que faz o indivíduo quando desconhece o signo lingüístico. Através das características, no dicionário apresentadas, é possível “criar” o conceito, a idéia, do que antes se desconhecia. Do mesmo modo, ao depararmos com uma imagem acústica “desconhecida”, desde que conheçamos sua representação gráfica, podemos, através do dicionário, estabelecer um elo entre o significante e seu significado, dantes desconhecidos pelo ignorante, o que ratifica o conceito de arbitrariedade do signo de Fernand de Saussure. Entretanto, o próprio Saussure advertiu que o signo não é a união de um objeto a um nome, mas:

“os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”. CLG, pág.: 80 (apud CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Editora: Presença, 1991, pág. 34)

Seguindo ainda esta linha de pensamento e tendo o cuidado de não ferir o conceito em epígrafe supracitado, quero citar outro exemplo que nos ocorreu: o da dislexia. Saussure diz que os termos implicados no signo lingüístico são psíquicos e estão unidos em nosso cérebro, por um vínculo de associação. O dicionário Houaiss, define o termo dislexia da seguinte forma:

“perturbação na aprendizagem da leitura pela dificuldade no reconhecimento da correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, bem como na transformação de signos escritos em signos verbais”

Contudo, estudos apurados abrangem bem mais conceitos referentes à dislexia. O texto sobre dislexia, da disciplina de Educação Especial, da UNESA, Prof^a Deyse Serra, acrescenta algumas características que podemos usar:

“o dislético apresenta baixo rendimento ortográfico; apresenta uso excessivo de palavras imprecisas, coisa, negócio etc; dificuldade para lembrar nomes; possui dificuldade de atenção e concentração”. (SERRA, Dayse. DISLEXIA – 2006. Págs. 1 – 5)

Portanto, a nosso ver, podemos dizer que o dislético é, de certo modo, uma comprovação da arbitrariedade do signo. Ora, embora o estudo da dislexia estabeleça termos diferentes do que o da arbitrariedade do signo, e sejam ciências distintas, o processo de ambos é mental; ocorre no cérebro. Enquanto Saussure diz

que os elementos do signo são ambos psíquicos e não simplesmente a união de uma coisa e seu nome, o disléxico, por sua vez, apresenta alguma disfunção cerebral que o impossibilita reconhecer tais elementos (significado/significante), dada à arbitrariedade do signo e, por isso, não consegue no campo “físico” representá-los de acordo com a Norma Padrão (gramática) e apresentar o rendimento esperado na escola, por exemplo.

Segundo Saussure, a arbitrariedade do signo pode ser absoluta ou relativa. Passemos então para o próximo tópico e vejamo-las:

4.2.1 – A Arbitrariedade do Signo **Absoluta**:

Este renomado autor genebrino, nos declara que a arbitrariedade do signo absoluta seria, por exemplo, os números dez e nove, pois quando de sua “denominação” não havia nenhuma razão de ser. Hoje, estes signos lingüísticos, são extremamente reconhecidos pela tradição que os estabeleceu, mas no início não fora assim.

4.2.2 – A Arbitrariedade do Signo **Relativa**:

Por outro lado, embora o signo seja arbitrário, Saussure, reconhece um processo que classificou como arbitrariedade do signo relativa. Nesse caso, ele nos dá o exemplo da dezena dezanove que é um segundo signo, formado pela união dos dois primeiros, dez e nove, arbitrários absolutos. Saussure vê, no exemplo dezanove, que há uma relação que o motivou, qual seja, a união dos dois primeiros signos.

“o princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é realmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado”. CLG, 152. Grifo no original (apud CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Editora: Presença, 1991, pág. 42)

Capítulo 5

Análise do Corpus

Chegamos finalmente à parte que mais nos importa neste trabalho, a da análise. Todo o embasamento teórico foi apresentado para que nesse capítulo, possamos analisar o objeto de estudo sem distrações.

Ao analisar o objeto de estudo, ou seja, o Livro do Gênesis, do capítulo 1 ao capítulo 11, dividimos o mesmo em sub-tópicos, a saber: a criação, a linguagem, a arbitrariedade do signo e a extinção. O corpus apresenta estas informações, às quais, analisamos de acordo com as teorias já mencionadas.

5.1 – A Criação:

“NO princípio criou Deus os céus e a terra [negrito nosso]. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. (Gênesis 1. 1 e 2)

A narrativa bíblica do livro do Gênesis atribui a criação a um ato deliberado de Deus. Ele, na sua onipotência, projetou e deu origem a todas as coisas a partir de sua própria vontade. Dessa forma, inicialmente, podemos associar não só o homem mas também a língua como sendo derivados comuns de um único princípio (início). Lembre-se que a narrativa do Gênesis, seu registro, se dá muitos anos depois do fato em si. Ela é um relato.

5.2 – A Linguagem:

ORA, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Gênesis 3. 1 - 6)

O terceiro capítulo do Gênesis nos dá um ótimo exemplo de retórica e sofisma, conceitos estes atribuídos aos Sofistas da Grécia Antiga. Embora nossa principal ferramenta de análise seja a teoria de Saussure, a questão é bem

interessante e faz parte do assunto, qual seja, a linguagem e utilização desta. Observe que não encontramos nenhuma contrariedade quanto ao proposto. Também não encontramos ainda nenhuma evidência de que o homem desenvolveu a linguagem por si, mas sim indícios de que ela é nata ao mesmo; temos exemplos de utilização e “expansão” dela, mas não de “desenvolvimento”, de aprendizado. Na citação anterior, por exemplo, não encontramos nenhuma dificuldade de expressão, nada que possibilite ou sugira dificuldade de comunicação. Ao contrário, observamos inclusive utilização de retórica e sofisma; persuasão, por assim dizer.

E ERA toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E disseram [a humanidade – acréscimo nosso]: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. E o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o SENHOR os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra, e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra. (Gênesis 11 . 1, 4, 6 – 9)

O texto acima em epigrafe também é muito importante para o nosso trabalho. O objeto de estudo propõe que **a língua era uma e que o povo era um**, o que ratifica a probabilidade de sermos ancestrais comuns, de termos uma língua-madre e finalmente a possibilidade de um criador. E o mais importante é que isso contribuiria para acabarmos com as desigualdades raciais, sociais, religiosas etc - se é que estas possuem alguma razão de ser!

Neste mesmo fragmento temos também uma explicação para os diversos idiomas existentes. Embora não se tenha provado ainda, a Linguística propõe, em algum momento, a existência da protolíngua, como é o caso por exemplo do proto-indo-europeu. E é justamente quanto a essas questões que nosso trabalho se justifica. Por que simplesmente descartar um material como a Bíblia que tem tantas informações a nos transmitir por simples preconceito? Por que não explorá-lo?

Por estes foram repartidas as ilhas dos gentios nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações. (Gênesis 10 . 5)

Estes são os filhos de Cão segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações. (Gênesis 10 . 20)

E a Éber nasceram dois filhos: o nome de um foi Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra, e o nome do seu irmão foi Joctã. (Gênesis 10 . 25)

Estes são os filhos de Sem segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, nas suas terras, segundo as suas nações. Estas são as famílias dos filhos de Noé segundo as suas gerações, nas suas nações; e destes foram divididas as nações na terra depois do dilúvio. (Gênesis 10 . 31 e 32)

O livro do Gênesis não segue uma ordem cronológica exata. Como podemos perceber o décimo primeiro capítulo deveria anteceder o décimo, mas não é assim que acontece. Entretanto colocamos na ordem adequada para melhor orientação do leitor. O décimo capítulo nos sugere como, após a confusão das línguas, as pessoas se espalharam pela terra, dando origem as diversas nações.

5.3 – A Arbitrariade do Signo:

“E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. **E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite** [negrito nosso]. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro”. (Gênesis 1. 3 - 5)

No exemplo acima temos o primeiro caso observado de arbitrariedade do signo. Não há nenhuma razão que justifique a motivação do significante /dia/ para o seu significado **Dia** e tampouco o do significante /noite/ para o seu significado **Noite**, senão o fato de Deus tê-los chamado assim, caracterizando-se, assim, a ambos como signos arbitrários absolutos.

De certa forma, todo signo é arbitrário, segundo Saussure, seja ele arbitrário absoluto ou arbitrário relativo, contudo vamos utilizar-nos dos exemplos mais explícitos, como é o caso das denominações – no momento em que elas ocorrem por parte de alguém no texto; a ação de nomear.

E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi. **E chamou Deus à expansão Céus** [negrito nosso], e foi a tarde e a manhã, o dia segundo. (Gênesis 1. 6 - 8)

No excerto acima, Deus executando o seu projeto, cria mais um elemento que viria a ter, segundo Saussure, o seu significado (a idéia no signo lingüístico) e

denomina-o **Céus**, que viria a ter o seu significante (no signo lingüístico) cuja soma de ambos forma mais um signo lingüístico arbitrário absoluto.

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. **E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares** [negrito nosso]; e viu Deus que era bom. (Gênesis 1. 9 e 10)

Deus ao longo de sua criação foi denominando-as. A esta relação, qual seja, a idéia (significado) e a imagem acústica (significante) é que Saussure viria a chamar de arbitrária, pois, no momento de sua “criação”, não há nenhuma relação comum a elas. Mais especificamente ele diz que o significante é arbitrário em relação ao significado porque não há nenhuma relação que os motive; o significado **Terra** ou **Mares** poderia receber qualquer outro significante sem alterar-lhe a idéia e para provar isso Saussure utiliza as diferenças idiomáticas, pois num idioma o significante (a imagem acústica) é um e noutro idioma outro para se referir ao mesmo significado ou diferenciar-lhe. Por outro lado, o signo é arbitrário porque uma vez estabelecido pela tradição, não está ao alcance do indivíduo modificá-lo. Hoje, não poderíamos chamar o significado **Terra** pelo significante **/mares/** ou o significado **Mares** pelo significante **/terra/**. Não podemos alterar o signo lingüístico já estabelecido pela tradição.

É importante lembrar que não estamos falando de um objeto e seu nome, mas da idéia desse objeto (significado) e da imagem acústica desse nome (significante), dá qual, pela união destes, temos o signo lingüístico. Entretanto, salvo melhor juízo, Saussure observa o signo do seu estado atual para o seu início. Enquanto nós o estamos procurando observar de seu início para o seu estado atual.

E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas. E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra, E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom. (Gênesis 1. 16 e 18)

Na citação acima, podemos notar a presença do significado implicitamente. Todavia, é a soma do significado mais do significante que constitui o signo lingüístico. Ainda assim, quando no texto se diz: “*dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite*”, associamo-los ao signo lingüístico sol e lua, mesmo sem tê-los evocado explicitamente. O contexto social da expressão (imagem acústica) é tão forte que nos evoca o signo; eis, pois,

mais uma demonstração do porquê do significante ser arbitrário em relação ao significado.

Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, **os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo** ([...] negrito nosso). (Gênesis 2. 19 e 20a)

Temos na citação acima um dos nossos textos áureos quanto à arbitrariedade do signo de Fernand de Saussure no objeto de estudo. Se pudéssemos comprovar a veracidade do pequeno texto em destaque cumpriríamos o propósito maior de nossa pesquisa. A narrativa é perfeitamente compatível a teoria da arbitrariedade do signo, capaz até de ratificá-la. Veja que o texto já demonstra a arbitrariedade do signo, de forma única, muito antes que Saussure viesse elaborar a própria teoria. Adão, o primeiro homem a ser criado, agora recebe a incumbência de “denominar” todos os demais seres. Ele, então, começa a estabelecer arbitrariamente o significante em relação ao seu significado, dando origem aos primeiros signos lingüísticos, sendo absorvidos por sua descendência e incorporados a tradição. Signos estes arbitrários que Saussure viria, há séculos posteriores, descrever de forma extraordinária.

[...] mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. **E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada** [negrito nosso]. (Gênesis 2. 20b - 23)

No texto em epigrafe supracitado, observamos mais um exemplo de arbitrariedade do signo. Saussure estabelece o conceito de arbitrário relativo à soma de dois signos que ocasionam na formação de um terceiro. No exemplo acima vemos que houve uma motivação “social” e não lingüística, portanto, o signo **mulher** é arbitrário absoluto. Lembre-se que estamos tratando de um assunto lingüístico e por mais que procuremos dar exemplos práticos, estamos tratando de um tema teórico (e que se dá no campo psíquico, como é o caso do signo).

Assim, vejamos mais alguns exemplos do parágrafo supracitado:

E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes. (Gênesis 3. 20)

E tornou Adão a conhecer a sua mulher; e ela deu à luz um filho, e chamou o seu nome Sete; porque, disse ela, Deus me deu outro filho em lugar de Abel; porquanto Caim o matou. (Gênesis 4. 25)

E a Sete também nasceu um filho; e chamou o seu nome Enos; então se começou a invocar o nome do SENHOR. (Gênesis 4. 26)

Homem e mulher os criou; e os abençoou e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram criados. (Gênesis 5. 2)

E Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e pôs-lhe o nome de Sete (Gênesis 5. 3)

A quem chamou Noé, dizendo: Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o SENHOR amaldiçoou. (Gênesis 5. 29)

Nas citações acima, perceba que não há nenhuma motivação lingüística entre o significante e significado que constituem o signo lingüístico (arbitrário).

5.4 – A Extinção:

Porque eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará. (Gênesis 6. 17)

Assim foi destruído todo o ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da terra; e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca. (Gênesis 7. 23)

Os capítulos seis e sete, apresentam as causas e como o Deus criador, causou a extinção de muitas espécies; até o homem fora limitado a um recomeço a partir de Noé e sua família. O texto (na íntegra) sugere que varias espécies foram desfeitas, bem como a civilização até aquele momento. Hoje, é comprovada a extinção de várias espécies, por motivos diversos.

Esse tópico também é importante para a pesquisa, pois como queremos estabelecer um “diálogo” entre as teorias, vindo a demonstrar que a Bíblia tem muito a nos oferecer em termos de conhecimento, científico inclusive; por isso, a citação é pertinente. Ela vem frisar que a Bíblia apresenta informações verídicas e comprovadas pela ciência, como por exemplo: a extinção de várias espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do trabalho e, especificamente, da análise, pudemos descrever a teoria criacionista, a teoria saussuriana e, finalmente, aplicá-las no corpus, analisando-o.

O objeto de estudo apresenta várias possibilidades, vários direcionamentos. E, por isso mesmo, o analisamos delimitando-o as teorias arroladas, principalmente, da teoria saussuriana da arbitrariedade do signo.

É importante salientar que foi perfeitamente aplicável a teoria saussuriana para o corpus. Em nenhum momento da análise, encontramos qualquer obstáculo ao proposto, qual seja, da criação do homem e conseqüentemente “um olhar científico a teoria da criação”, sem preconceitos.

Da análise, observou-se também ausência de signos arbitrários relativos, o que reforça a idéia de arbitrariedade do signo (no caso, absoluta). Não encontramos nenhum signo que fosse lingüisticamente relativamente motivado. Isso é muito importante, pois estávamos analisando a origem (“de tudo”), assim, este fato reforça a idéia de criação (origem, começo).

Nos retemos do capítulo de 1 à 11, do livro do Gênesis, pois é o que melhor descreve o “processo de criação” e que, portanto, apresenta os signos arbitrários mais explícitos. A partir do capítulo 12 até o capítulo 50, o livro se retém, basicamente, a origem do povo hebreu e sua peregrinação.

Existem outras passagens na Bíblia que poderiam ser utilizadas, mas devido ao tempo não pudemos, nesse momento, realizar um apanhado de todo esse compêndio. Entretanto, a pesquisa está muito bem fundamentada no livro central, para o proposto.

E, CUMPRINDO-SE o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia

que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? (Atos dos Apóstolos 2 . 1 – 8)

A citação supra reforça, de algum modo, essa questão da origem (e também da arbitrariedade do signo), perceba que num primeiro momento é também um ato deliberado de Deus e num segundo aponta, tendo em vista a soberania de Deus, para a questão das línguas (signos arbitrários).

É claro que nesse caso estamos tomando por base o conceito e não a teoria em si, mas é possível estabelecer essa ponte a partir da teoria criacionista; sendo, pois o homem criado.

Desse modo, tendo em mente tudo o que foi apresentado, chegamos a conclusão de que é possível sim um olhar científico a teoria criacionista. A Bíblia em si, traz relatos que devem ser observados mais atentamente. Muitos conceitos presentes nela são confirmados hoje pela ciência. Por isso, ela merece olhar mais atento que não apenas “religioso”.

A teoria saussuriana é perfeitamente aplicável ao corpus. O objeto de análise também responde a varias outras questões antropológicas e sociológicas que não pudemos abordar dada a delimitação proposta. Salvo, breves comentários sem um maior aprofundamento na questão.

É possível também que tenha havido uma língua-mãe, como já sugeriu a Lingüística Moderna, bem como a utilização dela, de forma proficiente, pelo homem recém-criado. Não há indícios que demonstrem como o homem poderia ter desenvolvido a linguagem a partir de mecanismos evolutivos.

Logo então, o homem seria um ser criado a imagem e semelhança de Deus, descendente de um único ancestral comum. Seria ainda dotado de razão e capaz de distinguir entre o bem e o mal. Um ser superior, com pleno desenvolvimento cerebral, e dominador sobre todas as espécies etc. E não um bípede sem penas.

BIBLIOGRAFIA (S)

De livros

Bíblia de Estudo Pentecostal - Almeida Revista e Corrigida 1995, (Traduzida para o Português por João Ferreira de Almeida) - CPAD.

CARVALHO, Castelar de. **Para Compreender Saussure (Fundamentos e Visão Crítica)**. Presença – Rio de Janeiro – 1991.

PETTER, Margarida. **Introdução à lingüística**, São Paulo – 2003.

De teses, monografias etc

NORONHA, Daisy Pires. **Manual para Apresentação de Dissertações e Teses (ABNT)**. São Paulo – 2003.

SANTOS, Carla Inês Costa e BRASIL, Eliete Mari Doncato. **Elaboração de Trabalhos Técnico-Científicos (ABNT)**. São Leopoldo - 2006.

SERRA, Deyse. **A Dilexia** – Rio de Janeiro – 2006.

SILVA, André Luiz Seixas da. **Monografia Seminário Vida Nova – Formação de Líderes**. Rio de Janeiro – 2004.

De mídia digital

A Bíblia Sagrada Versão Digital 6.0 Freeware

Dicionário Eletrônico Aurélio, Séc. XXI, versão 3.0 - novembro de 1999.

Dicionário Eletrônico Houaiss, Séc. XXI, versão 1.0 - dezembro de 2001.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta** (Obra em “pdf”: site do Domínio Público).

De artigo na Internet

Fonte da Pesquisa (site wikipédia): <http://pt.wikipedia.org/wiki/Criacionismo>

REIS, André. Religião Vazia, www.mundocultural.com.br - 2007, data de acesso: 04 Abr 2008.



Atribuição - Uso não-Comercial - Vedadas Obras Derivadas 2.5

Licença

A OBRA (CONFORME DEFINIDA ABAIXO) É DISPONIBILIZADA DE ACORDO COM OS TERMOS DESTA LICENÇA PÚBLICA CREATIVE COMMONS ("CCPL" OU "LICENÇA"). A OBRA É PROTEGIDA POR DIREITO AUTORAL E/OU OUTRAS LEIS APLICÁVEIS. QUALQUER USO DA OBRA QUE NÃO O AUTORIZADO SOB ESTA LICENÇA OU PELA LEGISLAÇÃO AUTORAL É PROIBIDO.


Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:

- **Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
- **Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- **Vedada a Criação de Obras Derivadas.** Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que você obtenha permissão do autor.

Registro da Licença: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>
 <http://i.creativecommons.org/l/by-nc-nd/2.5/br/88x31.png>
 ARBITRARIEDADE DO SIGNO NO LIVRO DO GÊNESIS by <http://creativecommons.org/ns#>
 Criação do Homem - Linguagem (Língüística)
 ALBUQUERQUE, Cristiano is licensed under a [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/)
 Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5
 Brasil License
 Based on a work at <http://purl.org/dc/elements/1.1/>
 Internacional